

PRIVAÇÃO E (DE)PRIVAÇÃO EMOCIONAL NA INFÂNCIA E SEUS DESDOBRAMENTOS PSÍQUICOS SOB A ÓTICA DA TEORIA WINNICOTTIANA

EMOTIONAL DEPRIVATION AND (DE)DEPRIVATION IN CHILDREN AND THEIR PSYCHIC PERFORMANCE UNDER THE PERSPECTIVE OF THE WINNICOTTIANA THEORY

Weelyda Andrade do Vale¹, Ana Laura Oliveira Melo²,
Ellen Fernanda Klinger³

¹ (Universidade de Gurupi - UnirG, Brasil)

² (Universidade de Gurupi - UnirG, Brasil)

³ (Universidade de Gurupi - UnirG, Brasil)

Resumo: Para que a criança se desenvolva é necessário um ambiente suficientemente bom para facilitar as várias tendências individuais herdadas e resultar no seu pleno desenvolvimento emocional. Dentre os potencializadores da maturação emocional, a figura materna ocupa espaço relevante. Contudo, quando a pessoa que desempenha esses cuidados iniciais não consegue proporcionar o suficiente para o bebê, tem-se como característica a falta de quem do esperado dentro do próprio processo de maturação emocional, a isso pode ser nomeado como a privação decorrente das falhas no estágio inicial do desenvolvimento, onde o bebê não teve quaisquer experiências com um ambiente facilitador; ou a deprivação quando ocorre uma perda da experiência do cuidado e satisfação das necessidades por tempo demasiado. Tais faltas e seus desdobramentos costumam repetir-se ao longo das experiências e manifestações de interação dos indivíduos. Por meio deste artigo tem-se como intuito provocar a discussão e reflexão acerca dos possíveis danos causados pela experiência das perdas ou faltas precoces durante a infância. Para tanto, foi efetuada revisão bibliográfica integrativa, com análise qualitativa dos dados, com enfoque nas decorrências que a privação e deprivação acarretam ao desenvolvimento infante-juvenil.

Palavra Chave: Psicanálise; Desenvolvimento Infantil; Sofrimento Emocional; Saúde Mental.

Date of Submission: 01-05-2023

Date of Acceptance: 14-05-2023

I. Introdução

A tendência para amadurecer é em parte herdada e associada à fatores ambientais (externos) que são determinantes para o pleno desenvolvimento da criança, ou seja, o desenvolvimento especialmente no início, depende de um ambiente suficientemente bom para facilitar as várias tendências individuais herdadas e resultar em plena maturação emocional (WINNICOTT, 1983/1960; 2021). Dessa forma, os sofrimentos psíquicos oriundos das perdas não elaboradas sendo elas originárias do processo saudável ou de interrupções, podem se tornar barreiras para o desenvolvimento emocional do indivíduo, sendo importante compreender o curso normal do desenvolvimento emocional do sujeito (WINNICOTT, 1987; 2005).

Existem razões que justificam a importância do estudo do desenvolvimento emocional em suas fases iniciais, pois acredita-se que ainda na infância é possível detectar e diagnosticar distúrbios emocionais. Isso reforça a necessidade de uma atenção diante dos cuidados fornecidos pela mãe ou quem representa essa função, já que o bebê não sobrevive sem a presença e cuidados da figura materna (ROCHA, 2006). Neste sentido, a teoria winnicottiana prioriza os estágios iniciais do desenvolvimento emocional, pois acredita que é nesta fase que serão constituídas as bases da personalidade e da saúde psíquica do indivíduo.

Donald Woods Winnicott foi um psicanalista e pediatra inglês, também participou da Segunda Guerra Mundial como psiquiatra no Plano de Evacuação Governamental, onde o exercício de tal função gerou um profundo efeito sobre ele, que ao se deparar com o desmantelamento dos lares e desintegração maciça da vida familiar pode observar implicações nas crianças e nos adolescentes, como resultados tanto da separação e como

das perdas. Esta experiência propiciou à Winnicott material para formulação de sua teoria a respeito da delinquência e os distúrbios de caráter, manifestações clínicas essas que intitulou por tendência antissocial, dando base para a formulação da teoria do amadurecimento pessoal, como também a importância do ambiente na etiologia dos transtornos psíquicos (DIAS, 2002).

De acordo com a ótica winnicottiana, a criança não depende apenas de si para se desenvolver, e sim da presença de outro ser humano, prioritariamente, a figura materna que irá propiciar condições suficientemente boas (ROCHA, 2006), as quais trarão a satisfação que só é possível em um contexto de proximidade com a mãe capaz de reciprocidade, ou seja, de adoecer com e por seu bebê. Essas ofertas afetivas de suporte, cuidados e nutrição emocional, tem caráter primordial para fazer com que o bebê, comece a existir e a sentir que a vida é real.

Contudo, cabe salientar que Winnicott não teve a pretensão de ensinar as mães a serem suficientemente boas, até porque não é algo a ser ensinado, e sim, que essa mãe não pode ser complacente, pois o bebê confia na firme atenção dela para sua sobrevivência. A “mãe suficientemente boa” efetua uma adaptação ativa que exige uma preocupação fácil e sem ressentimentos (LOBO, 2008). O ser suficiente aqui não implica em fazer a mais, viver única e exclusivamente pela maternidade, mas proporcionar espaço para o suprir e para a falta também, pois somente com a falta pode-se perceber o que está faltante. Em suma, o suficiente não evoca a falsa expectativa e cobrança pela perfeição.

Quando a figura materna não consegue proporcionar o suficiente para seu bebê, abre-se espaço para a falta sentida pelo bebê como além do suportável. A privação em termos primitivos ocorre quando a falta de sustentação ambiental, de uma mãe-ambiente que daria suporte ativo para que o sentimento de ser pudesse ser experienciado. Já a (de)privação, por sua vez, supõe a experiência de sustentação ambiental, e a perda posterior, acarretada pela percepção de ser roubado ou agredido pela falha do ambiente. Portanto, a “privação” é no sentido de “nunca ter tido”, e “(de)privação”, para o de “ter tido e ter perdido” (WINNICOTT, 1983/1960; 2021).

II. Metodologia

Este estudo foi realizado por meio de pesquisa qualitativa, através de revisão integrativa da literatura e da consulta as obras de Winnicott e autores contemporâneos da teoria das relações objetais.¹ A pesquisa é de caráter qualitativo, no qual não se aplicam análises estatísticas sobre os dados coletados. Obtém-se, por meio da investigação mediante o contato direto com a situação estudada, com análise da individualidade e os significados múltiplos (GIL, 2008). A revisão é exploratória e realizada mediada por pesquisa bibliográfica que, se propôs a levantar ou revisar obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico o que necessita de dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que irá executar o trabalho científico que objetiva reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico (SOUZA; OLIVEIRA; ALVES, 2021).

Para a realização da pesquisa, não foi necessária submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a resolução CNS 466/2012, por se tratar de uma pesquisa cujas informações foram obtidas em materiais já publicados e disponibilizados na literatura, não houve, portanto, intervenção ou abordagem direta junto aos seres humanos. Dessa forma, a pesquisa não implicou em riscos ao sujeito. Os benefícios da pesquisa encontram-se na possibilidade de divulgação de conhecimento através de artigo científico em periódicos e/ou congressos, estimando-se que o estudo possa ser referência para o trabalho de profissionais junto a pessoas que passaram por situações de privação e deprivação.

III. Resultados e Discussão

As temáticas presentes no artigo têm enfoque nos estudos em Psicanálise, especialmente em Psicanálise infantil com enfoque nas obras de Winnicott e autores contemporâneos da teoria das relações objetais. Para a fundamentação do trabalho foram observados os aspectos do desenvolvimento da maturação emocional do sujeito, sob a ótica de Winnicott, a conceituação e compreensão dos processos psíquicos e emocionais no decorrer do desenvolvimento infantil, e explanou-se a noção winnicottiana de privação e (de)privação afetiva e suas consequências para a saúde psíquica e/ou relação com psicopatologias.

A Maturação Emocional

A teoria do amadurecimento pessoal normal, é considerada, “a espinha dorsal” do trabalho teórico e clínico de Winnicott, por ser o período de constituição das bases da personalidade e da saúde psíquica, iluminando o que se passa na relação mãe-bebê. Winnicott destaca as necessidades humanas essenciais que, ocorrem desde as etapas mais primitivas e que permanecem ao longo da vida até a morte do indivíduo, associado as condições ambientais, favorecem a constituição da identidade unitária, que todo bebê deve poder alcançar, inclusive a

¹A teoria das relações objetais enfatiza as relações, em que o desenvolvimento humano ocorre, desde o início através de relações interpessoais. A perspectiva relacional descreve o desenvolvimento em termos de mudanças nas necessidades relacionais. Nesse sentido, enfatiza a experiência e a interação, com enfoque particular na resposta ambiental no mundo externo. Winnicott (1952), apresenta, o conceito de ambiente-indivíduo, o qual constitui a unidade, afirma-se que antes das relações objetais a unidade não é o indivíduo, mas o contexto ambiente-indivíduo.

capacidade de relacionar-se com o mundo e com os objetos externos e assim estabelecer relacionamentos interpessoais (DIAS, 2003). Desta forma, a maturação emocional possibilita compreender os fenômenos da saúde, e detectar precocemente dificuldades emocionais.

Nos primeiros anos de vida a relação do bebê com o mundo é de dependência, nesta fase são necessários determinadas condições para a constituição do ser. Algumas condições estão presentes no que Winnicott (1986/1999 ; 2021) descreve como potencial herdado, ou seja, a predisposição natural no sentido do crescimento e desenvolvimento, e o potencial adquirido, através do fator ambiental que, nessa fase, se aplica ao cuidado materno. O bebê é totalmente dependente de alguém para sobreviver e obter o pleno desenvolvimento saudável, neste caso necessita dos cuidados da figura materna para seu crescimento e inserção no mundo como uma pessoa (ARANTES, 2018).

O ser humano amadurece por estágios, e não de forma definitiva, nesse sentido, as diversas etapas estabelecem estados específicos a serem alcançados. À medida que são completadas, o indivíduo amadurece por desempenhar as tarefas próprias de cada fase e assim se constituir a partir da experiência vivida em cada período. No estágio inicial do desenvolvimento emocional, ocorre a dependência absoluta, por meio de estágios primitivos, em que o processo de amadurecimento tem seu ponto de partida na gestação (WINNICOTT, 1987; 1990). Já neste início destaca a relação entre a oposição da espontaneidade e reatividade que está em crescente complexidade ao longo da vida. O bebê se encontra em sua quietude e a mãe preserva seu isolamento, a cada movimento no útero o mesmo está descobrindo o ambiente. A mãe acompanha o movimento de vaivém do bebê, da quietude ao movimento vice-versa, assim o feto pode sentir as flutuações de ânimo da mãe e seu ritmo cardíaco (DIAS, 2002). A influência de tais invasões ambientais marca uma etapa precoce de confirmação de que a vida vale ou não a pena, em que o bebê poderá ir a procura de experiências, ou se retrair, fugindo do mundo.

Com o nascimento, o bebê terá contato com o “grande despertar”, experiência na qual o bebê será tomado por invasões que o preparam para o nascimento. Neste momento do parto é importante o bebê não passar por complicações que excedam seu limite de tolerar invasões e conseqüentemente reações, que tornem o momento traumático, seja pelo fato do parto ser demorado ou prematuro, porém, quando tudo ocorre bem constitui-se uma experiência de imenso valor ao futuro indivíduo (DIAS, 2003).

Após a vida intrauterina, o bebê precisa de um tempo para recuperar-se do processo de descontinuidade inerente ao processo de nascimento, levando à um estado de quietude, desse modo o desenvolvimento cerebral aliado ao “grande despertar” e a experiência do nascimento, conduzem uma ocupação ao bebê diante da sua nova condição, ao passo que sua mente primitiva colhe impressões e uma série de pequenas reações às inevitáveis invasões do novo ambiente. Ao ter contato com o início da respiração e a experiência com a ação da gravidade, e ao sentir o respirar e as funções fisiológicas da mãe dão início a comunicação e a identificação mãe-bebê. Winnicott diz que só assim o bebê poderá recomeçar a ter impulsos, e até mesmo procurar alimento (DIAS, 2003).

Com a exploração do seio materno com a boca e as mãozinhas, o bebê passará pelo que Winnicott denomina de “primeira mamada teórica” ou seja, as primeiras experiências concretas de amamentação, estágio que ocorre nos três ou quatro primeiros meses de vida do lactente, sendo então, o começo do contato com a realidade e constituição do si-mesmo (DIAS, 2003). Na teoria winnicottiana, o amamentar é uma situação privilegiada em que, quando tudo corre bem, se estabelecem o início da relação com a realidade externa, da qual a mãe é a primeira representante. Neste interim é provido a qualidade do contato humano e a realidade das experiências por meio do ato da amamentação.

A criatividade originária possui um marco central no amadurecimento emocional, participando da constituição do que será o si-mesmo unitário, e o modo como o mesmo se relaciona com o sentido de realidade. Ao longo da vida o sujeito continuará a exercer sua criatividade de forma cada vez mais complexa, pois é a capacidade que o infante possui de “criar o mundo”. Ao qual permite que, a mãe realize uma grande tarefa: introduzir a ilusão ao bebê, de que ele é quem cria o mundo que necessita, sendo um artifício adaptativo que o bebê necessita vivenciar para melhor se afeiçoar posteriormente, visto que está em adaptação absoluta com sua genitora. É importante salientar que o bebê passa por dois importantes estágios: excitado e o tranquilo, o estágio excitado está diretamente ligado ao início do estabelecimento do contato com a realidade, no mamar e agarrar objetos, no qual é um momento para observar as raízes da agressividade, enquanto o estágio tranquilo o bebê está em relaxamento próprio de quem se sente sustentado (DIAS, 2003).

Pouco a pouco, o bebê lida com a tarefa de integrar-se no tempo e espaço estabelecendo o avançado contato com a realidade por meio das relações objetais, na ausência desta etapa não será possível prosseguir com as próximas conquistas graduais do amadurecimento, ou seja, é preciso que alguém possa apresentar ao bebê amostras do mundo de forma compreensiva diante de seu grau de maturidade, para que o infante tenha a capacidade de se relacionar com o mundo real e com os objetos que o compõe, estabelecendo assim, uma conexão ainda maior com o ambiente externo. A adaptação absoluta mantém o bebê em uma área de ilusão de onipotência, e dessa forma ele pode começar a ser, essa ilusão de um mundo subjetivo impede que o bebê seja surpreendido por algo que ainda não esteja preparado (DIAS, 2002). Winnicott afirma que, após instalada a capacidade para a ilusão, com o tempo o bebê passa a descobrir e compreender que o mundo sempre existiu, independente do

indivíduo, no caso dele. Com o início do acesso aos sentidos da realidade e as relações objetais o bebê percorre o caminho de aperfeiçoamento do si-mesmo.

A princípio o bebê não percebe a dependência, uma vez que amadurece o mesmo adquire a capacidade de expressar necessidades, se direcionando para a dependência relativa do ambiente. Neste estágio de desenvolvimento emocional ocorre uma ruptura gradual da adaptação materna, ao decorrer desta desadaptação do ambiente, o bebê passa a viver a independência relativa, pois segundo Winnicott, enquanto existir, o sujeito sempre dependerá do ambiente e das pessoas que o compõem (WINNICOTT, 1983/1960, 2021; ROCHA, 2006).

O que caracteriza essa nova etapa é o início da desilusão, é o fato de que haverá uma desadaptação gradual da mãe diante das necessidades do bebê, ocorrendo de uma forma natural, porém a desilusão só pode acontecer se a ilusão tiver sido bem consolidada, o mesmo indivíduo deve reter a capacidade para a ilusão, e exercer naturalmente a criatividade, e assim criar o mundo (WINNICOTT, 1975/ 1971). O desmame é a conquista significativa, em que a mãe ou o bebê podem iniciar, é preciso também que a mãe possa lidar com o ódio ou ira do bebê, provocada pelo processo de desilusão, é durante este período que o funcionamento mental e os processos intelectuais começam a ser exercidos em sua especificidade, auxiliando o bebê a lidar com a lacuna de sua adaptação completa e incompleta.

A confiança na mãe-ambiente é fundamental para que o bebê tenha o sentimento de existir, e posteriormente, habitar a realidade compartilhada. O sentimento de confiança garante a base para que a criança possa avançar no processo psíquico de formação de um self autônomo e sentir-se segura para vivenciar o espaço compartilhado. É somente a partir dessa atmosfera da confiança que a criança poderá sentir-se apta para entrar em contato com o mundo e, posteriormente, realizar suas primeiras interações lúdicas, o brincar, que na vida adulta se manifesta na experiência cultural (SALDANHA; KLAUTAU, 2021).

O bebê agora irá se beneficiar dos fenômenos transacionais, com continuação da desilusão, que ocorre por volta dos oito a dez meses, esse apego ao objeto constitui o princípio da capacidade de simbolização, para posteriormente a capacidade do brincar, e se estende a medida que o amadurecimento avança, nessa fase o bebê adota um objeto predileto: o ursinho de pelúcia, a ponta do cobertor ou uma fralda, esses objetos servem de amparo, por substituírem a mãe que se desadapta e desilude o bebê (DIAS, 2002).

A mãe possui a tarefa de apresentar em pequenas doses o mundo, esse processo de ilusão-desilusão deve ser gradativo para que o bebê possa suportar a frustração, como meio para a aceitação da realidade. Para tanto, o bebê passa a operar com uma “destruição mágica”, em que o ódio e o amor vivem, utilizando-se de comportamentos agressivos. Winnicott resume em dois os significados da agressão. Por um lado, é uma reação direta ou indireta à frustração, por outro, é uma das muitas fontes de energia de um indivíduo. Uma criança em evolução implica o desenvolvimento de uma coisa a partir de outra, os movimentos de chute ou pontapé são movimentos, e a experiência de ir ao encontro de alguma coisa (WINNICOTT, 1958/ 1965; 2005).

Ao alcançar algum grau do eu unitário, a criança agora possui condições de realizar a tarefa de integração da vida instintual, quando for concluída, a criança se tornara uma pessoa inteira. O início dessa fase é marcada por impulsos, que começam a surgir sentimentos de culpa e responsabilidade ligadas à fase. A resolução desta dificuldade consiste em aceitar a destrutividade e que ela convive com o amor, isso dependerá do desenvolvimento da criança e de sua capacidade em fazer reparações ou remendos como diz Winnicott (DIAS, 2003; KLINGER, 2021).

A criança precisa compreender que o estrago pode ser consertado ou reparado e que mesmo as ideias ou atitudes destrutivas podem ser equilibradas, só assim ela se sentirá livre e segura para continuar a exercer a impulsividade. Mas essa capacidade só será desenvolvida se a mãe sustentar a situação no tempo e sobreviver, de modo que o bebê organize suas experiências instintivas e resguarde algo que seja no sentido bom, e com isso reparar imaginativamente o dano causado a sua genitora (DIAS, 2003).

O processo atinge o seu ápice da elaboração por volta dos dois anos e meio, propagando até aos cinco anos de idade. Quando essa elaboração do concernimento está ocorrendo entra em cena a figura paterna e o que Winnicott (1983/ 1960; 2021), chama de “cena primária”, em que a criança compreende que faz parte de um triângulo entre o pai e a mãe, com ela no vértice, a capacidade em lidar com os sentimentos que envolvem essa percepção é uma nova conquista de extrema importância, que implica na capacidade da criança ficar só.

Pois, à medida que o tempo passa o indivíduo incorpora o ego auxiliar da mãe, o que o torna capaz de ficar só sem o apoio contínuo da mãe ou do símbolo da mãe. O pai irá ser importante nesse contexto, pois ele será o responsável por impor limites no impulso instintual, para que assim possa adentrar o estágio Edípico e rivalizar com o pai. Aqui a criança atingiu seu estado unitário, agora ela é uma pessoa inteira, Winnicott afirma que nesse estágio o indivíduo não está sujeito ao risco de psicose, visto que está totalmente integrada de seus instintos (DIAS, 2003). O indivíduo percebe que faz parte de uma relação triangular (filho, mãe e pai), começando a estabelecer um relacionamento com o pai, nesse contexto ele disputa com o pai a sua mãe, mas por medo de perder o falo e ser castrado ele se contém, compreendendo que nessa rivalidade ele não terá chance. Agora o indivíduo percebe que possui uma genitália e começa a ter noção da capacidade sexual (no sentido de potencialidade de prazer) que seu corpo possui, tal fato ocorre por volta dos 3 a 5 anos de idade. Trata-se de uma fase do desenvolvimento

psicossexual da criança. Nessa fase, o menino começa a sentir desejo pela mãe, e ódio e ciúme pelo pai (FREUD, 1900/1996). O Complexo de Édipo atua como um marco de separação nesta relação triangular, em que o indivíduo caminha rumo a puberdade para assim, chegar na adolescência.

Diversas são as consequências causadas pela falta deste vínculo afetivo nos primeiros seis anos de vida da criança. Winnicott acreditava que especificamente por volta dos seis meses aos dois anos de idade, a capacidade de envolvimento estaria se desenvolvendo principalmente nos aspectos cognitivos e afetivos (WINNICOTT, 1983/ 1960; 2021). Quando a criança, entre este período, é exposta a privações ou perdas que pode desencadear abalos emocionais devastadores, como a perda ou obstrução dos processos primórdios de socialização advindas das tendências inatas da criança, poderá implicar em um possível desenvolvimento de um transtorno de conduta, psicose e até mesmo a depressão (WINNICOTT, 1983/ 1960; 2021), 2005; PEREIRA; SOUZA, 2018).

Privações e Deprivações Afetivas

Sobre o processo de constituição do *self*, a construção da experiência de si, no interjogo entre ilusão-desilusão, presença-ausência, a afirmação paradoxal de Winnicott “É uma alegria estar escondido, mas um desastre não ser achado” (1960/1983; 2021, p.169), remete ao quadro de uma criança estabilizando um *self* que ainda ou não se comunica e, ao mesmo tempo, em busca de comunicação, para ser encontrado. Ao descrever uma reminiscência infantil elucidada por um de seus pacientes, Winnicott nos brinda, com uma reflexão que nos porta a pensar que, na saúde, a divisão do *self* em verdadeiro e falso descreve, tão somente, dimensões integradas de um *self* único, há partes da personalidade que se comunicam e partes que permanecem compulsivos, escondidos e silenciosos, para todo o sempre. A exposição da perspectiva teórica a respeito do desenvolvimento emocional, enfatiza alguns dos reflexos das falhas que podem ocorrer durante este processo, e prejudicar a organização psíquica do sujeito, são elas a: privação e a (de)privação que serão ressaltadas aqui.

A privação afetiva ocorre por volta de zero a seis meses de idade, período no qual o bebê possui absoluta dependência da mãe, e a fixação de que os dois são um só. Quando a mãe passa a inserir falhas que a criança não possui a capacidade de elaborar, a qual dependem do contexto em que acontecem, as mesmas poderão futuramente ser desencadeadores de uma estrutura psíquica psicótica na criança (WINNICOTT, 1987/1990; PEREIRA; SOUZA, 2018). O estado de privação se caracteriza por ser mais precoce, e ocorre na fase de dependência absoluta do bebê, na relação mãe-ambiente, resultante do abandono antes do desenvolvimento do Ego e da diferenciação Eu - não Eu (WINNICOTT, 1958/1965; 2005).

Quanto ao estado de (de)privação, ocorre na dependência relativa da mãe, neste caso a criança já consegue diferenciar o Eu do Tu, ou seja, compreende que ele e sua mãe são pessoas distintas, fato que ocorre dos seis meses aos dois anos de idade. Neste período a criança já passou pela fase de dependência total, porém, se sua cuidadora voltar a inserir falhas contínuas, a criança poderá direcionar toda sua angústia, carência e falta de cuidados adequados desta mãe ao ambiente, e podem desencadear atos agressivos e destrutivos na infância (PEREIRA; SOUZA, 2018).

Neste sentido, Winnicott (1987/2006) cita que a criança em idade de perceber que a falta de suprimento se atribui ao mundo externo, ao ambiente, desenvolverá uma esperança e tentativas de encontrar sua cura através de estímulos ambientais. Os principais danos da (de)privação afetiva, de acordo com o autor, se encontram na tendência antissocial, ao qual, é uma tentativa inconsciente de busca em um ambiente externo ao familiar (escola, sociedade como um todo) das condições essenciais à sua integração, como os limites impostos, uma representação da figura paterna, e a satisfação do prazer, que pode representar a função materna.

A afetividade é fundamental na formação psíquica do indivíduo, em sua ausência, haverá um desvio na conduta da personalidade do ser humano, este não se desenvolverá plenamente psicologicamente, o afeto é primordial na construção da base da personalidade nos primeiros anos de vida, o que ocorrer ao indivíduo neste período poderá refletir na adolescência e vida adulta (BAIROS et al., 2011). Pesquisas realizadas por Bowlby (2006), criador da Teoria do Apego, revelaram que a privação materna prolongada pode gerar distúrbios psíquicos graves na criança, e até comprometer sua vida futura. Convém destacar, que como consequências os indivíduos que sofreram privação e (de)privação poderão apresentar elevada dificuldade em estabelecer relacionamentos, sérios problemas nas interações sociais, isolamento e desconfiança por medo de sofrer novos tipos de maus tratos.

Além disto, alguns maus tratos, principalmente psicológicos, são mais difíceis de serem identificados por não deixarem marcas visíveis, mas que podem gerar comportamentos destrutivos e desestruturastes no sujeito, e poderão o acompanhar por toda a vida (PEREIRA; SOUZA, 2018). Também, podem surgir doenças agudas ou crônicas que se manifestam na infância, tais como psoríase e outras dermatoses, asma e outros transtornos respiratórios, além de doenças e sintomas sem etiopatogenia claramente elucidada, de caráter multifatorial, com forte associação a fatores psicológicos.

Winnicott (1964/1982; 2012) afirma que uma das características de quem sofreu privação é a ausência de esperança e impossibilidade de organizar um plano futuro, algumas consequências passam despercebidas principalmente as psicológicas, mas podem gerar comportamentos destrutivos e desestruturastes nos indivíduos

como insegurança, fragilidade psíquica, medo, baixa autoestima, pensamento de negação, que permitem os acompanhar por toda a vida (PEREIRA; SOUZA, 2018).

Os seguidores de Anna Freud, Aichhorn e Friedlander “acreditavam que o ambiente participa da etiologia da delinquência, e esse ambiente é entendido como uma espécie de agente disciplinador”. Em função disto, o tratamento da delinquência seguia uma linha pedagógica de intervenção. Sob outra perspectiva, para a corrente kleiniana, os fatores etiológicos da delinquência são intrapsíquicos e constitucionais. Klein acreditava, que é a presença do superego e não a falta que acarreta os comportamentos antissociais (no que difere dos freudianos). Assim, pensava que somente por intermédio da análise dos conteúdos das fantasias inconscientes recalçadas seria possível obter a cura da delinquência (CASTRO; STÜRMER, 2009). Winnicott foi o teórico da psicanálise que nos trouxe outra perspectiva da causa e da cura da delinquência, em que associou o fato a mais precisamente a falta.

O comportamento antissocial é encontrado em alguns dos casos de deprivação em que tal tendência implica esperança, pois, a ausência da mesma é característica básica da criança privada. Winnicott demonstra que o comportamento antissocial não é necessariamente uma doença e sim por vezes, um pedido de ajuda, um SOS, em que o indivíduo busca ressarcimento pelas perdas sofridas de forma inconsciente (WINNICOTT, 1987/2005). Outro prejuízo decorrente da falta na infância, é o Transtorno de Conduta que é caracterizado por um repetitivo padrão de comportamento desafiador ou antissocial, este distúrbio apresenta características como: brigas ou intimidações em excesso, roubo, mentiras, crueldade com pessoas ou animais, desobediência grave e contínua, fugir de casa ou da escola, ataques de birra, atos destrutivos, entre outros. Já Transtorno Desafiador de Oposição é uma categoria que está associada ao comportamento sexual precoce, consumo de álcool e drogas, prejuízos escolares e acadêmicos. Além disto, foi identificado também o Transtorno de Personalidade Antissocial que é diagnosticado em indivíduos acima de 18 anos, e desencadeador de transtornos relacionados a substâncias e Transtorno de Humor (SANTOS, 2016). Em tais circunstâncias existem duas linhas para a tendência antissocial. Nas palavras do autor, assim destacadas:

“[...]Pode-se dizer que há dois tipos de tendência antissocial. Em um, a enfermidade se apresenta em forma de furto ou chamando atenção especial através do ato de urinar na cama, falta de asseio e outras delinquências menores que, de fato, dão a mãe trabalho e preocupações extras. No outro, há destrutividade, provocando atitudes firmes” (Winnicott, 1984, p. 230).

No primeiro sentido, houve uma perda do cuidado materno, e o outro relaciona-se com a interação com o pai, com a falha no estabelecimento de limites, necessários para o desenvolvimento do autocontrole. Para Winnicott (1958/2022), o tratamento da tendência antissocial deve ser realizado através do fornecimento de um ambiente cuidador, que poderá ser redescoberto e aplicado pela criança. É a estabilidade desse novo ambiente que realiza a terapia. A psicoterapia de orientação psicanalítica pode ser bem-sucedida nos casos típicos de tendência antissocial; em que o paciente necessita sentir a deprivação e reproduzi-la na sessão, de forma simbólica e na própria experimentação desse estado na relação terapêutica. Neste prisma, a Psicologia intervém no ambiente com intuito de restituir à criança o que lhe foi ‘roubado’. É preciso ajudar o paciente a resgatar a esperança e retomar o curso de seu desenvolvimento (CASTRO; STÜRMER, 2009).

Em certas famílias nos deparamos com pais que não assumem sua função de autoridade perante os filhos, não se discriminam, ausentando-se do seu papel parental e, com isso, provocam um vazio, um desamparo. O pai faz parte do ambiente em que o bebê amadurece, um bebê que ainda depende, agora de maneira relativa, da sustentação da mãe para dar continuidade ao alcance do estatuto de um ser unitário, é justamente nesta tarefa de se tornar uno que o pai ajudará o bebê. Winnicott (1983/1960; 2021), estabelece a teoria do relacionamento pais-bebê, para descrever a jornada do bebê da dependência absoluta rumo à independência, tal percurso é em direção a dependência relativa; paralelamente, descreve a jornada do bebê do princípio do prazer ao princípio da realidade, e do autoerotismo às relações de objeto.

As Figuras Parentais e o Ambiente no Desenvolvimento

Dessa forma, o foco da teoria winnicottiana é o desenvolvimento do bebê, mesmo antes de nascer e nos seus primeiros meses e anos de vida. Com destaque na interação entre o mesmo e a pessoa que lhe cuida: sua mãe. Assim, pode-se entender que a figura materna possui a função e influência determinante no crescimento tanto maturacional quanto psíquico da criança (ARANTES, 2018). É somente com uma “mãe suficientemente boa”, que a criança conseguirá iniciar um processo de desenvolvimento emocional, Winnicott também utiliza o termo “mãe dedicada comum” que possui o mesmo sentido.

É importante frisar que, não é necessário que as mães fiquem obcecadas ou focadas somente em quais são os cuidados que deverão prover ao filho, visto que isso depende totalmente da singularidade de cada bebê e

do vínculo entre ambos (ARANTES, 2018). O cuidado satisfatório, na ótica de Winnicott (1975/2019), é proposto através de três estágios: *holding*² (sustentação); *handling* (manejo); e a apresentação dos objetos.

O *holding* corresponde, além do ato de segurar o bebê, a um ambiente que proporcione sustentação. Este é promovido pela mãe, através de sua atitude de compreensão e empatia pelas necessidades do bebê. Durante o estágio de *holding*, a criança vivencia em seu desenvolvimento a integração do ego, tonando-se uma pessoa com individualidade própria, e também começa a ter um interior e exterior mais bem definidos, um “Eu” e um “não-Eu”. Através do cuidado suficiente proporcionado, a criança poder seguir rumo à independência, estágio em que teria introjetado os cuidados oferecidos pelo ambiente suficientemente satisfatório e desenvolver confiança no meio (WINNICOTT, 1975/2012).

O *handling* é a manipulação corporal que auxilia na formação da psique, que permitirá ao bebê começar o processo de identificação do próprio corpo. Dessa forma, o que acontece com o corpo será elaborado pelo psiquismo do bebê de acordo com o seu desenvolvimento. No entanto, é necessário à mãe, realizar o manejo de forma que seu filho desfrute da experiência funcional de seu corpo. É necessário ao bebê que o ambiente forneça experiências de uma forma que ele seja capaz de integrá-las, é que a mãe favoreça essas experiências do filho através dessa manipulação (FERREIRA, 2020).

A apresentação de objetos, que também é considerada como uma das funções principais da mãe é o que inicia a capacidade do bebê de se relacionar com outros objetos e entrar em contato com a realidade externa que o cerca. Winnicott (1960/1983; 2021, pág.288) a respeito destaca:

“[...]Essa capacidade não pode se desenvolver somente pelo processo de amadurecimento; a adaptação suficientemente boa da mãe é essencial, e deve durar por um período suficientemente longo, ou a capacidade para se relacionar com objetos pode ser perdida, em parte ou por completo. De início o relacionamento é com um objeto subjetivo, e trata-se de uma longa jornada daqui até o desenvolvimento e estabelecimento da capacidade de se relacionar com um objeto que é percebido objetivamente e ao qual é concedida a oportunidade de uma existência separada, uma existência fora do controle onipotente do indivíduo”.

Winnicott segundo Arantes (2018), concede a mãe a função essencial na vida do filho, pois ela é capaz de proporcionar um ambiente suficientemente bom, visto que por estar identificada com seu bebê, fica sensível as suas necessidades. Logo, a mãe é considerada o ambiente inicial e possui um papel de grande importância determinante na vida de seu filho. Desse modo, a figura materna não pode se permitir ser excessiva e nem cometer faltas na vida de seu filho, pois ambos geram consequências que se propagam no seu desenvolvimento. Winnicott e Bowlby concordam quando trazem em suas teorias, que tanto o excesso de cuidados materno, como a falta deles influenciam diretamente no crescimento e no desenvolvimento das crianças, e prejudicam a construção do self do bebê (BENÍCIO; SOUZA, 2019).

Atualmente identificam-se mães que devido ao medo que o filho se machuque ou se perca, ou passe por frustrações, e até mesmo por terem enfrentado um período gestacional conturbado, acabam inconscientemente por prejudicar a fase do desenvolvimento da criança com cuidados excessivos, e por consequência sua maturação. Com isso, as crianças que sofrem tais déficits demonstram insegurança ao efetuar tarefas do cotidiano, na escola, em casa ou em qualquer ambiente que estiver inserido. Winnicott afirmou que, a mãe suficientemente boa é uma mãe saudável que cuida das onipotências de seus filhos, ela não se martiriza ou se inferioriza por seus erros ou falhas, por conter a capacidade de perceber que tal ato julgada por si mesma como erro, poderá auxiliar o desenvolvimento do seu filho (COUTINHO,1997).

Em contrapartida, o excesso pode implicar em diversos prejuízos para a vida da criança, e gerar inseguranças e dependências, com significativa influência nas interações sociais e provocar limitações em sua autonomia diante das tarefas diárias. É importante salientar, que, os prejuízos poderão permanecer marcados em seu self, e refletir assim, também em sua vida adulta. Consequentemente na adolescência a mesma poderá ter dificuldades em lidar com suas frustrações e se tornar um adulto com dificuldades em diversas esferas de sua vida, e desencadear problemas profissionais e pessoais (BENÍCIO; SOUZA, 2019). Não deixar o filho chorar, correr, brincar entre outras coisas são características de mães superprotetoras. Essas mães geralmente possuem motivos para ter esse cuidado dobrado: uma perda por aborto ou morte neonatal, acidentes, crianças com histórico de doenças ou por não suportar ver os filhos passarem por momentos de frustração. Esse excesso pode trazer vários prejuízos para a vida da criança, e assim, gerar inseguranças e dependências. Além de, comportamentos que influenciam as interações sociais da mesma, e provocam limitações na autonomia diante de atividades cotidianas. É importante ressaltar que esses prejuízos poderão permanecer marcados no self, e posteriormente, também na vida adulta (BENÍCIO; SOUZA, 2019).

Contudo em alguns casos, o que pode ocorrer são falhas pela ausência excessiva na função mãe-bebê, que se forem presentes no período inicial de sua constituição psíquica, poderão implicar em um sofrimento para a criança, e um desamparo das funções que o constituem, pois, a figura materna não terá conhecimento algum sobre o filho, e assim não conseguirá exercer as funções necessárias e nem apropriar-se da criança, com risco significativo de desencadear patologias que afetam o desenvolvimento, entre elas: o autismo e a melancolia. Para Winnicott o ser humano nasce desorganizado das pulsões, instintos, capacidades perceptivas e motoras que, irão se integrar a medida em que se desenvolvem, e alcançar a unificação de si e do mundo externo, este é o papel da mãe, prover ao bebê de um ego auxiliar que permita integrar suas sensações corporais, estímulos ambientais e capacidades motoras nascentes (THEISEN, 2014).

A mãe insuficientemente boa é aquela que não consegue se identificar com as necessidades de seu filho, a mesma é incapaz de suprir a onipotência do lactante, uma vez que a catexia dos objetos externos não é iniciada, o bebê permanece isolado sobrevivendo “falsamente” e apropriando-se de um falso self. A falha materna se faz porque a mãe não consegue, ou possui dificuldades em estabelecer, vínculos com seu bebê, pois, a criança necessita que a figura materna suponha nela seu desejo. Por meio do amamentar e do acariciar a criança, a mãe irá deixar as marcas de que ali irão supor um sujeito, e permitir o ingresso da criança na linguagem, e investir de desejo o seu desenvolvimento ao rumo “normal”. Então, constatamos que a mãe suficientemente boa é aquela que em determinado momento da vida do filho deixa de ser necessária, por entender que o filho dispõe da capacidade de desenvolver determinadas funções com autonomia (THEISEN, 2014).

Mas e o pai, qual seria o seu papel nesse interim? Ao remeter sobre o ambiente do materno, não podemos desconsiderar o papel do pai, visto que ele também proporciona uma função importantíssima na vida do bebê. Winnicott menciona que, a presença do pai, em primeiro momento, é um fator importante para suprir as necessidades da mãe, e fundamental para fazer com que a mãe se sinta “bem em seu corpo e feliz em seu espírito”. Diante de uma ausência do pai na participação deste cenário, a mãe se sentirá desamparada, além de propiciar o aparecimento de dificuldades na identificação com o seu bebê, e irá favorecer o sentimento de sobrecarga e culpa por todo e qualquer problema no decorrer do desenvolvimento do filho, e poderá tomar para si a responsabilidade de não ter fornecido um ambiente suficientemente bom (ARANTES, 2018).

De forma geral, nos momentos iniciais de cuidado do bebê, a função do pai se foca no proteger a díade mãe-bebê, afim da mãe disponibilizar sua dedicação de forma integral a seu filho e efetuar o exercício de uma regressão necessária para compreender a demanda dele, pois a mãe necessita estar devotada totalmente ao bebê. Pode-se compreender que o pai atua como mediador entre mãe e bebê nos primeiros meses de vida, é possível perceber que, quando o pai não exerce seu papel de forma satisfatória, será pela falha no seu próprio amadurecimento, pois, Winnicott acredita que a capacidade de exercer a função paterna está ligada diretamente ao nível de amadurecimento pessoal do pai que conseguirá se preocupar com a mulher que engravidou e com seu próprio filho, e atuar de forma solícita em seu papel (ARANTES, 2018).

Contudo, caso ocorra uma falha intensa do pai, a mesma, no que se refere a falha, poderá permitir que a criança seja incapaz de manter confiança no ambiente externo já incorporado, dar-se-á a instauração de um trauma, que pode desencadear à apatia da criança e a falta de esperança. Segundo Winnicott estamos diante do processo de privação, que impossibilita a criança de manter viva a memória a esperança vivenciada com a mãe. É no estágio da dependência relativa que o pai é apresentado a criança, mediado pelo discurso da mãe. O lugar do pai entre seis e doze meses, não é tão destacado como a da figura materna, todavia ele favorecerá gradativamente a separação da díade mãe-bebê, e, através do seu crescente contato corporal diário com o bebê, se tornara referência na organização psíquica da criança, devido a função estruturante que desempenha para o pleno desenvolvimento do ego do filho (SANTOS, 2016). Winnicott destaca:

“[...] O pai acaba entrando na vida da criança como um aspecto da mãe que é duro severo, implacável, intransigente, indestrutível, e que, em circunstâncias favoráveis, vai gradualmente se tornando aquele homem, alguém que pode ser temido, odiado, amado, respeitado” (ROSA, 2014, p.15).

Por este motivo, destaca-se a importância de si conjecturar, definições de Winnicott, que insere a ideia de que a mãe e o pai, *juntos*, compõe o ambiente total que o bebê precisa encontrar para amadurecer, mesmo que o pai não possua o mesmo lugar que a mãe na relação direta com o bebê. O pai neste período auxilia a mãe a ser mãe, e proporciona uma presença efetiva, ao realizar sua parte, com cooperação de maneira preciosa e particular, para que ela, a maternagem, seja suficientemente boa (ROSA, 2014).

A tarefa da mãe suficientemente boa, é respaldada por um pai que a sustenta com sua presença e que irá adquirir ao longo do tempo sua progressiva importância como instância de autoridade. Que envolve aceitar a castração e poder substituir o Eu ideal narcísico primário por representações mais amadurecidas do ideal do Eu. A mãe percebe o progressivo amadurecimento de seu filho, na direção de uma crescente autonomia, e o valoriza por isso, e deixa cada vez mais espaço para uma independência (BITTENCOURT; VILHENA, 2014).

A boa figura materna promove grande contribuição ao indivíduo que gera e a sociedade que convivem, com um marido que lhe dá suporte e com o simples fato de ser devotada ao seu filho. Essa contribuição, segue-se a todo homem ou mulher sadios, que possuem o sentimento de ser uma pessoa no mundo, e para a qual o mundo significa alguma coisa. Como Winnicott (1964/1982; 2012) afirma: “todo indivíduo mentalmente são, todo aquele que se sente como pessoa no mundo e para quem o mundo significa alguma coisa, toda pessoa feliz, está em débito com uma mulher”.

Quando essa pessoa foi criança, ela não sabia nada a respeito da dependência: havia dependência absoluta. Que é um fato histórico no estágio inicial do desenvolvimento de cada indivíduo, quando não estabelecido, poderá ocorrer um bloqueio tanto no progresso quanto na regressão, um bloqueio que se baseia no medo. Às vezes, esse medo toma a forma de um medo de MULHER, ou medo de uma mulher, e outrora assumirá formas menos fáceis de reconhecer, mas que sempre incluem o medo da dominação, tal medo, não leva muitas pessoas a evitarem ser dominados; ao contrário, encaminha-as em direção a uma dominação específica ou escolhida (WINNICOTT, 1988/ 1990).

Costuma-se negar a importância da mãe: diz-se que nos primeiros meses trata-se apenas de uma questão de cuidados corporais, e que, portanto, no início, uma boa enfermeira ou cuidador seriam os suficientes. Existem até mães às quais se fala que devem ser mães de seus filhos, sendo esse o grau mais extremo de negar que a “maternagem” se origina naturalmente no ato de ser mãe. Para que aconteça o nascimento psicológico do indivíduo, a criança sonhada pela mãe deve ceder lugar ao bebê realizado.

A Falta na Contemporaneidade

O ser humano nasce totalmente indefeso e dependente de cuidados. Em seu desenvolvimento subjetivo os papéis sociais serão aprendidos, e o histórico do sujeito ocupará função crucial nesta assimilação. Portanto, não se nasce pai ou mãe por puro e mero instinto, mas torna-se pai e mãe e nesse *vir-a-ser* também é agregada o ser filho ou filha contidos na história desses pais. Os papéis irão se constituir a partir das interações entre pais e filhos, e caberá a cada criança a transformação de seus genitores em pais, frente as emergências maternas e paternas, as trocas afetivas e aos cuidados infantis (MORO, 2005).

A relação entre os pais, ou daqueles que desempenham essa função na vida da criança, são fundamentais para o desenvolvimento emocional infantil e para a sua constituição subjetiva. Um ambiente familiar saudável, em que a criança possa ser cuidada em sua integralidade, além da maneira como os pais se relacionam entre si, com vínculos estabelecidos por ambos os progenitores, favorecem o processo de constituição psíquica da mesma. A contemporaneidade trouxe novas possibilidades de relações e estabelecimento de vínculos, o que promoveu reflexos na constituição subjetiva dos indivíduos (SILVA; RABINOVICH; AMORIM, 2019).

No entanto, percebe-se um investimento individual de homens e mulheres em si mesmos, o que permite a independência deles em relação à família. Nessa perspectiva o “eu” assume uma maior relevância em relação ao “nós”, e o sujeito segue controlado por chamados individuais ao realizar escolhas que nem sempre contemplam a família, e que refletem a dificuldade no estabelecimento de relações entre os indivíduos na contemporaneidade, e no processo de auto investimento dos sujeitos, e infiltram as relações estabelecidas na família (SILVA; RABINOVICH; AMORIM, 2019). Com a liberdade de escolhas, das livres relações de afeto dentro das diversas estruturas, surgiram, também, desequilíbrios em determinadas relações, no que se refere à parento-filial (BARRETO; RABELO, 2015).

Os adultos pressionados pelo mundo produtivo e consumista, apresentam um desalinho diante dos cuidados infantis. Pouco afinados com as necessidades das crianças, podem vir a criar filhos pouco assistidos em seus anseios afetivos. A maioria dos adultos permitem que as crianças fiquem a mercê do abandono, derivados do anseio da mãe em suprir necessidades do infante por meio do “excesso de amor”, que se caracteriza pela falta de limites e evitação a frustrações, e atuam como desencadeadores de adultos inconsequentes, com postura narcisista, incapazes de alimentar vínculos sadios ou de saírem ilesos de uma frustração, um tipo de abandono moral, capaz de gerar muitas famílias desestruturadas e crianças egóicas (SILVA; RABINOVICH; AMORIM, 2019).

Neste contexto, o movimento feminista, que proporcionou a entrada da mulher no mercado de trabalho, é um importante fator nestas mudanças familiares e sociais, onde espaços tradicionalmente masculinos estão cada vez mais ocupados pelas mulheres. O fato de a mulher não estar mais restrita ao mundo doméstico e ter conquistado maior liberdade sexual, veio de encontro aos arranjos tradicionais da organização social e familiar, e, certamente, tem alterado comportamentos. Da mesma forma, encontram-se as novas demandas do papel masculino, com um homem mais participativo na vida afetiva e familiar, e dividem com a mulher os âmbitos público e privado. Este suposto novo padrão aparece como uma das transformações importantes nas relações parentais da família contemporânea (MATOS; MAGALHÃES, 2019).

Ainda nesse sentido, pode-se falar no crescimento da participação feminina na esfera profissional, da multiplicidade das configurações familiares, do desenvolvimento da tecnologia, da globalização, do acirramento da sociedade individualista e competitiva, entre tantos outros aspectos em transformação com a família nos dias de hoje (STAUDT, 2007). Outra mudança a ser considerada, e que influencia características da família

contemporânea, diz respeito à popularização dos meios de comunicação que comprometeram a privacidade das famílias, condição que garantia, de certa forma, a transmissão de valores e padrões dos mais velhos aos mais jovens.

O vínculo entre mãe e bebê nos anos iniciais de vida é considerado, na abordagem psicanalítica, como a relação fundamental para o desenvolvimento e construção das estruturas afetivas da criança. Um vínculo é saudável quando os envolvidos resguardam sua identidade e possibilitem escolhas individuais, e é patológico quando há delimitação pouco precisa entre o eu e o outro. Distúrbios nessa relação interacional de dependências podem gerar consequências ao desenvolvimento emocional da criança. Desencadeado por um envolvimento não saudável mãe-bebê com risco de gerar traumas emocionais na criança e comprometer seu desenvolvimento, e implicar em prejuízos psíquicos graves na criança, que poderão afetar toda sua vida futura, pode-se destacar o trauma (NEME ET AL, 2007).

O mesmo provoca marcas psíquicas peculiares, e ocasiona sintomas semelhantes ao conversivos histéricos, podem ocorrer tremores, parestia, espasmódicas, rigidez nos movimentos ou evitação de movimentos que estiverem presentes no momento do trauma, como uma fobia. Pode haver angústia intensa ou medo diante da possibilidade de repetição traumática, que funciona como mecanismo de defesa do indivíduo. O traumatizado tende a se expor a situações semelhantes à traumática, para dominá-la e usar o mecanismo “traumatofilia inconsciente” (PÉRON, 2007).

O trauma provoca prejuízos ao ego e feridas narcísicas, o traumatizado apresenta sintomas que evidenciam a retirada de libido do mundo externo, tais sintomas podem ser autoerotismo exacerbado, depressão hipocondríaca, pusilanidade, incapacidade de suportar sofrimentos ou esforços e desprazeres morais ou físicos, angústia e excitabilidade elevada, com tendência para excesso de raiva, distração e fuga de ideias, necessidade de contrair e opor-se aos outros e podem existir em quadros de neurose. Todas estas descrições caracterizam estados psíquicos de pacientes traumatizados na infância, que ocorrem quando o aparelho psíquico em formação é incapaz de captar o impacto de um evento, ou vários, incompreensível e excessivo (PÉRON, 2007).

Segundo Winnicott (1983/1960; 2021), muitos sintomas doentios infantis podem ser vistos como pedidos de socorro ou tentativa de comunicação da criança sobre seus conteúdos emocionais, assim, a maternagem adequada é crucial para a saúde da criança. O ambiente, possui o poder de distorcer ou favorecer o desenvolvimento do futuro sujeito. O surgimento de uma interferência pode desencadear nas crianças diversos déficits no desenvolvimento, e gerar assim, crianças inseguras e sem autonomia (BENÍCIO; SOUZA, 2019).

As rupturas e as discontinuidades dos cuidados parentais podem acontecer em diferentes situações, épocas e estruturas familiares (com pais casados, viúvos, divorciados, etc.). Encontramos pais que não assumem sua função de autoridade diante dos filhos, não se discriminam, ausentando-se do seu papel parental e, com isso, provocam um vazio, um desamparo. Percebemos um culto à independência precoce e um excesso de atividades e estímulos de um lado, e a falta de um “aparador” de outro.

Diante do cenário de guerra que levou Winnicott a observar os efeitos da privação e deprivação em crianças e adolescentes, o mundo precisou travar uma nova batalha: a pandemia por COVID-19. Que arrasou famílias e destruiu lares atravessados pelo caos da doença, morte e da separação. Os prejuízos decorrentes do contexto epidêmico, refletiram na conjuntura familiar, com aumento do estresse das crianças, em parte relacionado às situações de suspensão do contato físico com cuidadores ou pais com suspeita de COVID-19, e noutra, com diagnóstico positivo e o histórico de óbitos ocorridos durante o período da pandemia.

Ainda é recente e os resultados do período de faltas e medo gerados diante da própria fragilidade humana começam a despontar, onde talvez a percepção de insegurança, comportamentos disruptivos, pânico e ações extremas envolvendo violência extrema em ambientes como escolas, são derivados de sentimentos negativos muito fortes, como raiva, frustração e ansiedade. Muitos destes sintomas podem mimetizar comportamentos normais conforme a fase do desenvolvimento, e implicar em uma doença, que será avaliada e delineada por meio da intensidade do sintoma e principalmente o prejuízo que causa para a própria criança, para as famílias e nas suas relações sociais e ocupacionais. Por isso, a família é um elo fundamental entre o serviço de saúde e a escola.

O impacto da separação da vivência diária com os pais e os cuidadores, aumentaram o risco de comprometer o desenvolvimento da saúde mental infantil a longo prazo, como também no período pós-pandemia, de modo que a incidência de transtornos mentais, ideação suicida e suicídios obtiveram aumento. Muitos pais ou cuidadores que, no período pré-pandemia, haviam estabelecido acordos mais restritivos quanto à exposição de crianças e adolescentes às telas (p. ex., celulares e computadores) precisaram renegociá-los, pois esses dispositivos se tornaram um dos recursos mais importantes, ou os únicos, para manter as conexões afetivas e sociais de seus filhos com o ambiente extrafamiliar (SILVA ET AL., 2020; MATA ET AL., 2020).

A relação diádica mãe-filho e pai-filho foram atingidas, devido ao medo de ser infectado e transmitir o vírus, os pais ou cuidadores evitaram o contato físico mais próximo com seus filhos, no qual refletiu na forma como eles interagiam. Diante dessa fragilidade vivenciada, o que Winnicott diria de tal acontecimento? A resposta é clara, não importa os cenários e a época, as contribuições e obras aqui expostas nos informam claramente as implicações que as falhas no âmbito familiar e no ambiente ocasionam no desenvolvimento emocional de uma

pessoa, e principalmente, os ganhos e perdas que derivaram desse momento histórico que a humanidade presenciou e conviveu com os filhos.

IV. Considerações Finais

Com o estudo buscou-se apresentar e trazer reflexões acerca do campo envolvendo as possíveis consequências da percepção de falhas nos cuidados dispensados ao desenvolvimento inicial humano. Ressalta-se que ao evocar o termo possibilidade relacionada as falhas iniciais, não se teve a intenção de levantar questionamentos sobre um modo ideal de cuidados, uma vez passa também pelo viés da percepção subjetiva do sujeito que os recebe também. Os prejuízos pelas faltas ou excessos nos cuidados ao desenvolvimento de uma criança, principalmente nos primeiros anos de sua vida, podem ser estendidos a esfera social, emocional, cognitiva e biológica, bem como nas próximas etapas do desenvolvimento, dentre elas a adolescência.

Os teóricos citados, com ênfase nos estudos realizados por Donald Winnicott e sua teoria do amadurecimento pessoal e do papel da mãe suficientemente boa, trouxeram contribuições sobre as implicações da falta total de afeto ou até mesmo dos cuidados considerados essenciais. Tais achados remetem ao quanto a qualidade familiar e as condições suficientes do ambiente são importantes para os avanços e estruturação das fases cruciais do desenvolvimento humano que implicam na qualidade de vida ou qualidade subjetiva.

Os resultados obtidos possibilitaram reconhecer os prejuízos derivados das falhas do ambiente e do meio familiar nos primeiros anos de vida, por ser considerada a fase primordial que determinará o sujeito e sua personalidade. Diante da privação ou (de)privação podem ser identificados sinais de agravos ou lacunas que são as raízes das neuroses, psicoses e desvios de conduta, e que refletem na adolescência. Este tema demonstra a importância de estudos e como se mantém atual diante do contexto recente dos danos que a privação e a (de)privação resultam nas famílias, com maior notoriedade durante a pandemia por COVID-19, ao qual evidenciou uma carga de mazelas psíquicas.

A partir de tais compreensões, faz-se necessário um olhar especial diante das faltas, pois os estudos nesta área agregam maior conhecimento, afim de fortalecer os laços familiares e, por conseguinte promover a promoção da saúde diante dos cuidados infantis. A qual é relevante não só para Psicanalistas e Psicólogos, mas também, para mães e pais preocupados em facilitar o amadurecimento pessoal de seus filhos e para os profissionais cujo o trabalho afeta, em algum nível, o desenvolvimento emocional de bebês, crianças, adolescentes e adultos e, igualmente para todos os que foram alertados para a necessidade de se pensar em atividades e políticas de prevenção na área de saúde psíquica.

Referências

- [1]. ARANTES, Mariana Borges. A mãe Winnicottiana e os aspectos que compõem seu ambiente no materno. **Repositório UFU**. 2018. Disponível em: < <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/23335>>. Acesso em: 22 abr. 2023.
- [2]. BOWLBY, J. **Cuidados Maternos e Saúde Mental**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- [3]. BITTENCOURT, Maria Inês Garcia de Freitas; VILHENA, Júnia. Mãe demais, pai de menos: uma leitura psicanalítica do filme instinto materno. **Trivium**, n.2, v. 6, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912014000200009>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- [4]. BAIRROS, Jaqueline de et al. Infância e adolescência: a importância da relação afetiva na formação e desenvolvimento emocional. XVI Seminário Interinstitucional de ensino, pesquisa e extensão, XIV Mostra de Iniciação Científica, IX Mostra de Extensão. Dias 04 a 06 de outubro de 2011. **UNICRUZ**. Disponível em: <<http://www.unicruz.edu.br/seminario/artigos/humanas/INF%C3%82NCIA%20E%20ADOLESC%C3%84NCIA%20A%20IMPORT%C3%82NCIA%20DA%20RELA%C3%87%C3%83O%20AFETIVA%20NA%20FORMA%C3%87%C3%83%20E%20DESENVOLVIMENTO%20EMOCIONAL.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2023.
- [5]. BENÍCIO, Dayane Gerusa; SOUZA, Dayse Arianne de. O impacto da superproteção no desenvolvimento psicológico da criança. 2019. **Psicologia Pt**. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt>>. Acesso em: 21 abr. 2023.
- [6]. BARRETO, Maria José; RABELO, Aline Andrade. A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. **Pensando Família**. [online]. v.19, n.2, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-494X2015000200004. Acesso em: 20 abr. 2023.
- [7]. COUTINHO, F. **O ambiente facilitador: a mãe suficientemente boa**. In: Winnicott -100 anos de um analista criativo. Rio de Janeiro: Nau, 1997.
- [8]. CASTRO, Maria da Graça Kern et al. **Crianças e adolescentes em psicoterapia: a abordagem psicanalítica**. Porto Alegre : Artmed, 2009.
- [9]. DIAS, Elsa Oliveira. **A Teoria do Amadurecimento de D.W.Winnicott**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2003.
- [10]. DIAS, Elsa Oliveira. A trajetória intelectual de Winnicott. **Natureza Humana**. n.1, v. 4, 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302002000100004>. Acesso em: 04 abr. 2023.
- [11]. FERREIRA, Caio. Winnicott: Holding, Handling e Apresentação dos Objetos. **Sociedade dos Psicólogos**. 2020. Disponível em: <https://spsicologos.com/2020/01/08/winnicott-holding-handling-e-apresentacao-dos-objetos/>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- [12]. FREUD, Sigmund. (1996). **A interpretação dos sonhos**. In S. Freud. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 4, pp. 13-363). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- [13]. GIL, Antonio Carlos. Metodologia científica. São Paulo, v. 3, 2003.
- [14]. KLINGER, Ellen Fernanda. **A Criança e a morte: a expressão das perdas e conflitos por meio dos contos de fadas**. Tese de Doutorado em Psicologia, PUC. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu. Goiânia, 2021.
- [15]. LOBO, Sílvia. As condições de surgimento da “Mãe Suficientemente Boa”. **Revista Brasileira de Psicanálise**. v.42, n.4, 2008. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000400009>. Acesso em: 03 mai. 2023.

- [16]. MATA, Ingrid Ribeiro Soares et al. As implicações da pandemia da COVID-19 na saúde mental e no comportamento das crianças. **Residência Psiquiátrica**. n. 3, v.10, 2020. Disponível em: <<https://residenciapediatrica.com.br/detalhes/643/as%20implicacoes%20da%20pandemia%20da%20covid-19%20na%20saude%20mental%20e%20no%20comportamento%20das%20criancas>>. Acesso em: 27 mar. 2023.
- [17]. MORO, Marie Rose. Os ingredientes da parentalidade. **SciELO**. v. 8, n.2, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-47142005002005>>. Acesso em: 29 abr. 2023.
- [18]. MATOS, Mariana Gouvêa; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Ser pai na contemporaneidade: demandas contraditórias. **Psicologia Revista**. v. 28, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.23925/2594-3871.2019v28i1p151-173>>. Acesso em: 02 mai. 2023.
- [19]. NEME, Carmem Maria Bueno et al. Implicações do vínculo mãe-criança no adoecimento infantil: revisão de literatura. **Pediatria Moderna**. n. 4, v.44, 2008. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-505764>>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- [20]. PERÓN, Paula Regina. Considerações teóricas freudianas sobre o trauma. **Psicologia Revista**. v.16, n.1 e n.2, 2007. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/18053/13413>>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- [21]. ROCHA, Marlene Pereira. Elementos da teoria winnicottiana na constituição da maternidade. **Pontifícia Universidade Católica São Paulo**. 2006. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15511/1/Dissertacao%20MARLENE%20PEREIRA%20DA%20ROCHA.pdf>>.. Acesso em: 21 abr. 2023.
- [22]. ROSA, Cláudia Dias. **E o pai? Uma abordagem winnicottiana**. São Paulo: DWW, 2014.
- [23]. PEREIRA, Daniele Barbosa Rayane; SOUZA, Daniela Heitzmann Amaral Valentim. Privação afetiva e suas consequências na primeira infância: um estudo de caso. **Inter Scientia**. v.6, n.2, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unipe.br/index.php/interscientia/article/view/721>>. Acesso em: 05 mai. 2023.
- [24]. SALDANHA, Maria Teresa de Oliveira; KLAUTAU, Perla. Articulações entre Winnicott e Bachelard: A casa como símbolo de confiança. **Continuidade, Rupturas, Transformações / Artigos em Tema Livre**. v. 43 n. 44, 2021. Disponível em: <http://cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/256>.. Acesso em: 20 abr. 2023.
- [25]. STAUDT, Ana Cristina Pontello. Novos tempos, novos pais? O ser pai na contemporaneidade. Versão resumida da dissertação apresentada a faculdade de Filosofia, Ciência e Letras. **TEDE**. 2007. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/939>>. Acesso em: 06 mai. 2023.
- [26]. SANTOS, Eder Soares. Pressupostos conceituais para a compreensão de angústia em Freud e em Winnicott. **Revista Natureza Humana**. v.18, n.2, 2016. Disponível em: <<http://www.pepsic.bvsalud.org/PDF>>. Acesso em: 02 mai. 2023.
- [27]. SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**. V.20, n.43, 2021. Disponível em: <<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>>. Acesso em: 01 mai. 2023.
- [28]. SILVA, Isabela Machado et al. As Relações Familiares diante da COVID-19: Recursos, Riscos e Implicações para a Prática da Terapia de Casal e Família. **Pensando Famílias**. n. 1,v. 24, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100003>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- [29]. SILVA, Luciana Rios; RABINOVITCH, Elaine Pedreira; AMORIM, Ivonete Barreto. Relações familiares na contemporaneidade e construção da subjetividade. **Produção Científica e Experiências Exóticas na Educação Brasileira**. 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/335376528_RELACOES_FAMILIARES_NA_CONTEMPORANEIDADE_E_CONSTRUCAO_DA_SUBJETIVIDADE>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- [30]. THEISEN, Ana Paula. A função materna na constituição psíquica. **Unijui**. 2015. Disponível em: <<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/2894>>. Acesso em: 03 mai. 2023.
- [31]. WINNICOTT [1966]. "A mãe dedicada comum", In: Winnicott, 1987.
- [32]. _____. [1971]. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975/2019.
- [33]. _____. **Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil**. Rio de Janeiro: Imago, 1984.
- [34]. _____. [1986]. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- [35]. _____. [1987]. **Privação e delinquência**. 4ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- [36]. _____. [1960]. **O Ambiente e os Processos de Maturação**: Estudos sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional. Porto Alegre: Editora Artmed, 1983/2021.
- [37]. _____. [1964]. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982/2012.
- [38]. _____. [1987]. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- [39]. _____. [1988]. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- [40]. _____. [1958]. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 1965/2005.